

'Nunca quisemos dar golpe. Tanto que não demos', diz chefe do Estado-Maior

'Nunca quisemos dar nenhum golpe. Tanto que não quisemos, que não demos'

— Chefe do Estado-Maior do Exército, general Fernando Sant'Ana Soares fala ao 'Estadão':
'Fomos totalmente capturados pelos assuntos políticos. Tragados pela percepção do golpismo'

ESTADÃOANALISA

MONICA GUGLIANO

Passados quase seis meses do 8 de janeiro, o Alto-Comando do Exército continua enredado numa trama da qual afirma, dia sim, outro também, não ter participado institucionalmente — um plano para dar um golpe, impedindo a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A suspeita, contudo, corrói sua imagem e envolve, sem trégua, seus oficiais.

"Nós, o Exército, nunca quisemos dar nenhum golpe. Tanto que não quisemos, que não demos. Não houve uma única unidade sublevada", disse ao Estadão o chefe do Estado-Maior da Força Terrestre, general Fernando José Sant'Ana Soares e Silva, segundo homem na linha de comando. "As Forças Armadas não se envolveram em atos golpistas. Muitos militares da reserva podem ter atuado nesse ou naquele sentido. Entretanto, nós, não", insistiu o general, em uma de suas raras entrevistas.

O Estado-Maior, segundo o Exército, é responsável por "estudar, planejar, orientar, coordenar e controlar, no nível de direção-geral, as atividades da Força", em conformidade com as decisões e diretrizes do comandante. O chefe do Estado-Maior integra o Alto-Comando, que reúne o comandante e outros 15 generais da ativa de quatro estrelas — o topo da hierarquia.

A política tomou conta da Força nos últimos anos, admitem oficiais. "Fomos totalmente capturados pelos assuntos políticos. Tragados pela percepção do golpismo", avaliou o chefe do Estado-Maior do Exército.



Fernando Soares é o 2º homem na linha de comando da Força

WAGNER PERES / CMS 13/5/2022

'O sonho do pobre do Nordeste é ser pobre no Sul', afirma Múcio

O ministro da Defesa, José Múcio, afirmou ontem que "o sonho do pobre do Nordeste é ser pobre no Sul". Natural de Pernambuco, o ministro fez a declaração ao defender a necessidade de união entre governistas e opositores para lutar contra o desemprego e a fome.

"Digo que somos cinco países, nem os pobres são os mes-

mos neste país. Somos de um Estado (Pernambuco) em que o sonho do pobre do Nordeste é ser pobre no Sul, porque vai viver numa região diferente", disse Múcio, em evento virtual do Instituto para Reforma das Relações entre Estado e Empresa (IREE).

Em nota ao Estadão, a assessoria da Defesa afirmou que a declaração teve como objetivo "ressaltar que a diferença da renda per capita entre Nordeste e as regiões Sul e Sudeste é injusta e precisa acabar". ● NATALIA SANTOS

nuam caindo no vazio.

REDES. "As redes sociais são muito atuantes e se perde uma energia infinita tentando desmentir ou separar o que é verdade das fake news", disse ele.

Não que o Exército, prosseguiu o general, não tenha o que dizer e mostrar à sociedade.

Militares atuaram e atuam no auxílio aos yanomamis e a outras tribos na Amazônia e no combate ao garimpo. Além disso, projetos para a indústria de defesa — definida agora como um dos setores primordiais para a reindustrialização — seguem em discussão e outros tantos programas estão em marcha. Mas caem no vazio.

O problema número um é que não caem no esquecimento facilmente os quatro anos do governo de Jair Bolsonaro (PL), no qual militares da ativa e da reserva participaram da administração e silenciaram diante das ameaças golpistas e de intervenção armada feitas quase que todos os dias pelo comandante em chefe.

O segundo problema é pouca gente, tida como minoritária e radical, que não parece esquecer que, em algum momento — ainda que estivesse completamente equivocada —, se viu próxima a tomar o poder, embora em nenhum momento o Alto-Comando tivesse feito qualquer sinalização de que poderia aderir a uma "malaquice" desse tipo.

Foi com esse espírito que marcharam na Esplanada e participaram dos atos de vandalismo e tentativa de golpe em 8 de janeiro. E que acamparam na frente de quartéis, desafiando a Constituição e pedindo intervenção militar.

ROTEIRO. Foi ainda esse mesmo espírito que a Polícia Federal encontrou nas trocas de mensagens entre o então ajudante de ordens de Bolsonaro, tenente-coronel Mauro Cid, e oficiais como o coronel Jean Lawand Junior, com quem dividia planos de golpes.

"Não haverá como mudar a imagem da Força se nós, dentro, continuarmos a nos dividir. Se esses companheiros não entenderem que a única

condição viável é a da democracia. Que nós não temos o direito de usar o Exército para atividades que contrariam nossa função precípua estabelecida na Constituição", disse o chefe do Estado-Maior.

Na semana passada, o Exército barrou a transferência de Lawand Junior para um cargo nos Estados Unidos. O comandante da Força, general Tomás Paiva, determinou que ele ficasse no País para responder aos inquéritos do 8 de janeiro. Na ocasião, Lula se disse preocupado com a institucionalidade das Forças Armadas.

"Nós, o Exército, nunca quisemos dar nenhum golpe. Tanto que não quisemos, que não demos. Não houve uma única unidade sublevada"

"Fomos totalmente capturados pelos assuntos políticos. Tragados pela percepção do golpismo"

Fernando José Sant'Ana Soares e Silva
Chefe do Estado-Maior do Exército

Cid está preso por suspeita de fraudar cartões de vacina contra a covid. Como mostrou o Estadão, o Código Penal Militar (CPM) e a Constituição projetam a expulsão do tenente-coronel do Exército.

Nesta semana em que o Alto-Comando do Exército está em Brasília para tratar de promoções e a Justiça Eleitoral inicia o julgamento de ação que pode tornar Bolsonaro inelegível, o clima deve esquentar entre bolsonaristas. No Quartel-General do Exército, no entanto, a ordem é manter a normalidade. ●

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Política Caderno: A Pagina: 6